

a PONTE vista pelas crianças

REPORTAGEM HUMBERTO VASCONCELOS

OS TRABALHOS QUE APRESENTAMOS A ILUSTRAR AS NOSSAS PAGINAS PERTENCEM A EXPOSIÇÃO «A PONTE VISTA PELAS CRIANÇAS», ORGANIZADA PELO MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS E COORDENADA PELA ESCOLA TÉCNICA ELEMENTAR FRANCISCO ARRUDA. TERÁ LUGAR NOS PAVILHÕES DA F. I. L. E SERÁ INAUGURADA EM 8 DE AGOSTO PRÓXIMO.

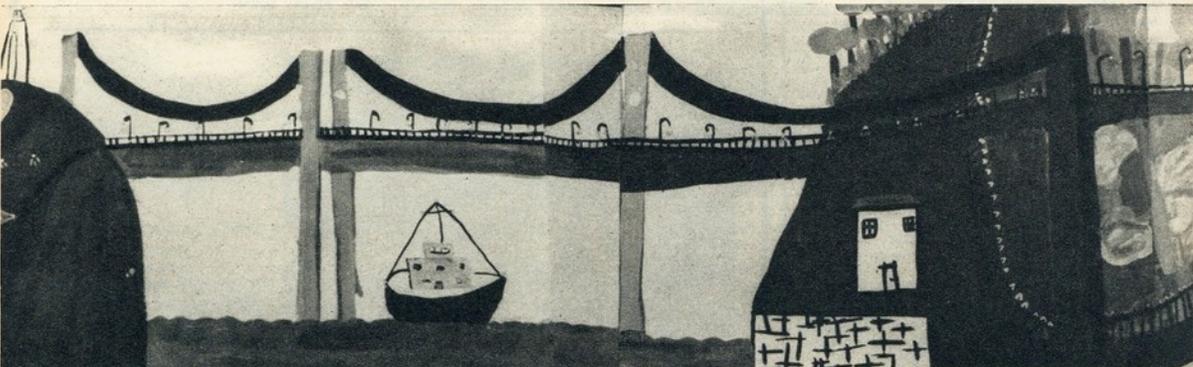
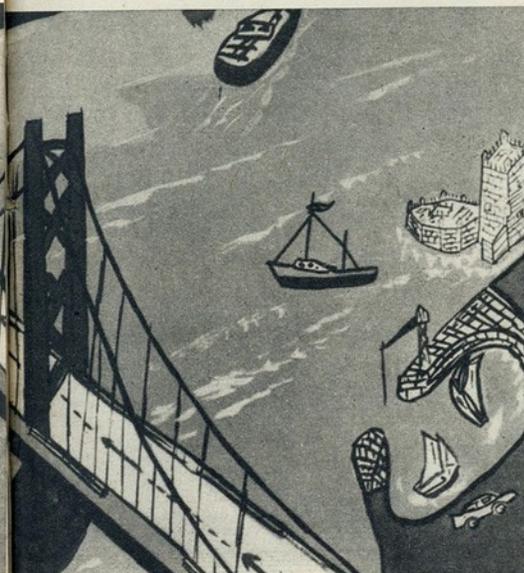
VAO-NOS dar a ponte. Um sonho de muitos anos finalmente realizado. Se na mente dos portugueses adultos esta ideia de ter uma ponte sobre o Tejo viveu sempre no campo das hipóteses até há muito poucos anos, para as crianças esta «ponte» é uma realidade que para algumas viveu com elas metade da sua vida, e que não pôde deixar de as impressionar profundamente.

A Técnica e a Natureza são um dos grandes temas dos desenhos dos pré-adolescentes. Emociona-os primeiro a obra artística da Natureza, depois em segundo plano, a Técnica. Por isso, a imaginação dos nossos pequenos artistas foi fácil de activar. A Ponte é uma obra rica de tecnicismo e que altera profundamente o aspecto da natureza que as crianças estavam habituadas. Assim, elas não desenhavam a ponte isoladamente, destacada de tudo que a cerca. Repre-

sentam-na como uma recuperação feita pela natureza sobre uma fenda há muito aberta pelo rio. Acompanharam a par e passo o seu crescimento, como uma amiga e companheira de todos os dias. Desenhando-a, põem em relevo aquilo que as impressiona e interessa: a redução para a folha de papel onde a vão reproduzir, é sempre desproporcionada, pela atenção que elas dão a certas particularidades que ocupam o seu pensamento. As lâmpadas vermelhas do alto dos pilares, os candeeiros dos tabuleiros, as boias de sinalização ancoradas no rio, aparecem representadas como figuras de primeiro plano em relação ao conjunto. Simplificam as formas, ou acrescentam-lhes pormenores inexistentes, como por exemplo mísulas a segurar os lanços da ponte. Mas a ponte é sempre desenhada maior do que na realidade é. Representam-na como sabem que ela virá a ser e como na verdade é: em muitos trabalhos por elas realizados, põem já em funcionamento o trânsito sobre ela e comboios circulando no tabuleiro inferior.

Algumas, um pouco mais crescidas, já não se conformando com uma representação a duas dimensões da ponte, lançam-se para trabalhos onde querem fazer imperar a perspectiva, mas impotentes ainda para desenharem todas as deformações ópticas que ela produz, apresentam as suas obras como se fossem compostas segundo vários ângulos.

Os trabalhos executados pelas crianças são representações livres daquilo que lhes inspiraram os trabalhos da construção da ponte e aquilo que a ela se prende, como os seus acessos, os encontros com as margens, sobretudo a norte, e até a sua inauguração.



Os acessos da ponte, lado norte, impressionaram Esmeraldo Sampaio, 13 anos. Utilizando papel cavallinho e «gouache» deu-nos esta perspectiva muito sua dos acessos.

Paulo Sintra, 10 anos, abarcou neste seu painel, (quatro folhas de papel cavallinho, a «gouache») a cidade, a ponte e o Cristo-Rei. Esta é a nova face de Lisboa.



Ana Bela Jordão e Maria Borges Caeiro e a sua equipa de colaboradoras dão-nos uma antevisão da inauguração da ponte sobre o Tejo

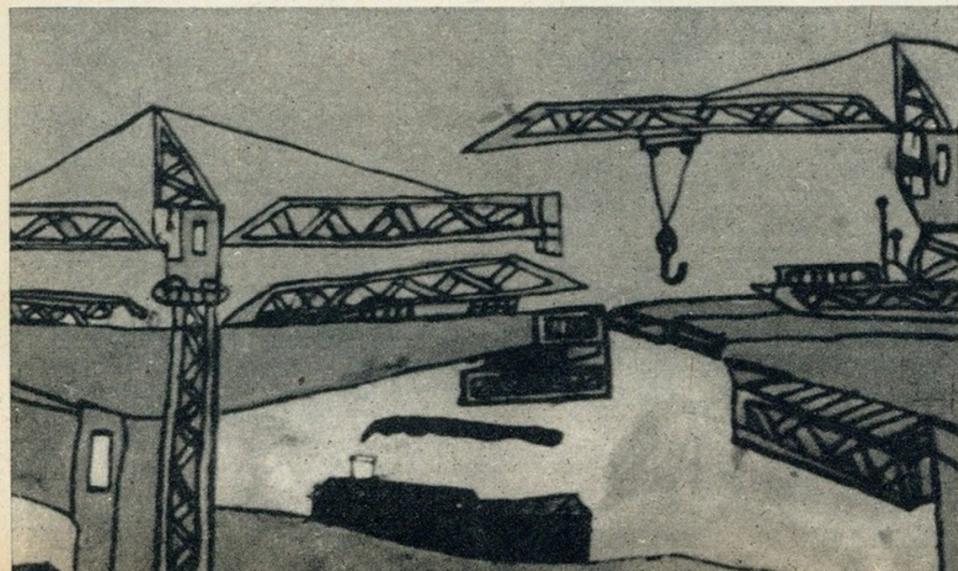
A PONTE E AS CRIANÇAS

É curioso notar ainda que a esmagadora maioria dos trabalhos que vão ser apresentados na exposição «A Ponte vista pelas crianças» e à qual pertencem os trabalhos que ilustram as nossas páginas, focam também o binómio ponte-homem. Por eles se verifica quanto a criança foi impressionada pelo esforço humano na realização da ponte, representando os operários sempre em maior tamanho que o que seria normal em

relação ao confronto e a enorme minúcia naquilo que elas estão a executar.

Cheias de ideias, as crianças portuguesas ocuparam-se do tema da ponte como pintores notáveis. Deram-nos uma nova visão, desde o seu começo até ao funcionamento futuro, com os seus olhos ingénuos mas críticos e sensíveis. Deram-nos um ponto de vista lá do seu mundo, onde há mais uma dimensão: a do coração.

Os homens e a ponte são os intérpretes do «gouache» de Francisco Martins da Silva, de 13 anos, o trabalho duro dos operários foi o que mais o impressionou. EM BAIXO — Os problemas de engenharia absorvem o espírito do Joaquim José. Os seus onze anos captaram, com minúcia, os trabalhos dos pilares da margem norte



ARTES

Fim de temporada

Mais uma temporada de artes plásticas. Mais um balanço meramente recordativo dos melhores momentos do ano, a falta duma linha coerente das galerias existentes e que deveriam orientar o pulso da actividade artística nacional, já que da internacional nem se fala. Mais uma época incolor, pálida, amorfa, sem vitalidade, sem um rosto possível.

E na entanto há artista (poucos) que trabalham, capazes de documentar um tempo e um espaço pessoal que é, ao mesmo tempo, nosso. António Areal (Secretariado Nacional da Informação) e Paula Figueira Rego (Galeria de Arte Moderna) foram as maiores individualidades criadoras, de classe internacional, que ocuparam o firmamento artístico nacional. Ao pé delas, todas as restantes exposições individuais, de indubitável interesse por momentos, só podem ser contempladas dentro dos determinismos locais. Júlio Pomar, Sá Nogueira, Fernando Conduto, António Palolo, Ângelo de Sousa, Criner e Dintel, Carlos Calvet, António Aragão, etc., com diferentes graus de potência imaginativa e arrojo criador, abriram novas perspectivas dentro da arte nacional, embora ainda estejam (também em diverso grau) longe de atingir uma audiência ultranacional.

Os salões colectivos (Exposição de Novembro, Exposição de Maio, Salão Nacional de Arte, Galeria de Verão, Exposição de Outubro e os que se realizaram na Costa do Sol) deram uma vaga ideia das inquietações reais dos artistas, onde estiveram sempre e sistematicamente excluídos os mais novos e desconhecidos talentos. E provável que um salão como a Exposição de Novembro — feliz encontro de diferentes tendências — seja um «rara avis» que, curiosamente, não voltou a repetir-se nem por erro.

Em relação aos artistas estrangeiros, cabe consignar algumas importantes presenças. 45 Anos de Pintura Belga e Arte Italiana Contemporânea constituíram os dois núcleos sólidos e representativos da arte dos respectivos países. As gravuras japonesas do Ukyo-e e as caligrafias e pinturas chinesas cumpriram, com dignidade, a parte oriental. A argentina Carmen Gracia, o inglês Brian Elliot, a polaca Krystyna Schmiechowska deram uma ressonância especial no campo da gravura onde, no plano nacional importou a renovação de João Hogan. No desenho houve uma revelação muito grata: Miguel Vasques, na fotografia, Eduardo Gageiro e na tapeçaria, António Charrua.

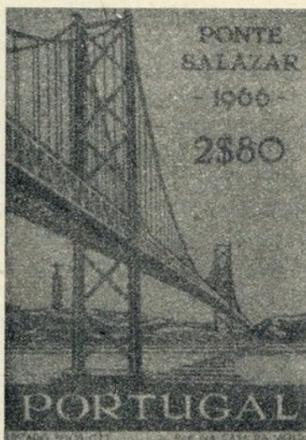
NELSON DI MAGGIO

FILATELIA

Os selos da ponte

Após a efémera efervescência motivada pela brilhante actuação da equipa «de todos nós» no Campeonato Mundial de Futebol — cujo relato filatélico concluirei no próximo número — o assunto dominante desta semana é a ponte sobre o Tejo.

A nossa filatelia não podia ficar indiferente à transcendência nacional deste acontecimento. E assim, os C. T. T. metropolitanos, comprovando aquele progresso que os filatelistas portugueses têm vindo a constatar nas últimas emissões, preparam cuidadosamente uma série comemorativa do evento, série esta que, muito a propósito, será colocada em circulação na mesma data.



Serão quatro selos impressos na Casa da Moeda, em folhas de cem unidades, com as medidas de 34,5 x 25,4 mm compreendendo as margens, com o habitual denteado de 13,5 (número de dentes em 2 cm de serrilha). Os desenhos, da autoria do pintor António Nunes de Almeida, representam nos dois valores (horizontais) a ponte vista de Sul para Norte, com um paquete navegando sob o arco central, e nos outros (verticais) uma panorâmica de N. para S. incluindo, à esquerda baixa, o monumento a Cristo-Rei.

Na impressão, efectuada pelo sistema «offset», foram utilizadas as seguintes cores: taxa de 1\$00 — vermelho sobre fundo dourado; 2\$50 — azul sobre dourado; 2\$80 — azul sobre prateado; 4\$30 — verde sobre prateado. Tiragens de nove milhões para o primeiro valor e um milhão para os restantes.

RUI RAMALHO RIBEIRO

MEDICINA

Perturbações do sono

Realizou-se há poucos meses na Alemanha um simpósio sobre o sono. O médico que resumiu os respectivos trabalhos para uma revista alemã escrevia, com muita graça, que os actuais congressos, com programas tão vastos como sobrecarregados, costumam contribuir mais para a confusão dos seus participantes do que para a sua formação e verdadeiro esclarecimento. O que é inegável, porém, é que das relações travadas, mais ou menos amenamente, em Congressos, nasce às vezes um intercâmbio de opiniões e trabalhos que pode dar interessantes frutos; e, mesmo a título meramente imediato, a confrontação de opiniões — quando leal e atenta — ajuda sem dúvida a que cada um possa fazer uma ideia mais completa acerca de problemas em relação aos quais tem, muitas vezes, uma visão unilateral.

Neste encontro, em que fisiologistas, bioquímicos, farmacologistas, clínicos gerais, neurologistas e psiquiatras abordaram, em conjunto, o problema das perturbações do sono na velhice, foram focados muitos aspectos que interessam o público comum.

A primeira palavra coube à Anatomo-Fisiologia que hoje conhece a localização dos centros reguladores do sono, à interacção a que estão sujeitos, a influência que sobre eles exercem determinados factores e substâncias, as variações eléctricas registadas no sistema nervoso durante o sono.

Assim, por exemplo, sabendo-se que a hipertensão sanguínea estimula o centro de vigília, natural será que os hipertensos, em princípio, durmam mal. Como, por outro lado, a carência de oxigénio exerce efeito semelhante, a hipertensão excessiva, com repercussão na circulação cerebral, poderá também dificultar o sono. Com maior razão, as doenças em que há perturbações circulatórias cerebrais, desde certas formas de insuficiência cardíaca às arterioscleroses cerebrais, provocarão efeito do mesmo tipo.

Os bioquímicos, por sua vez, conhecem algumas substâncias, libertadas ao nível do sistema nervoso, que actuam como reguladoras do ritmo sono-vigília. Nos hipertensos crónicos este sistema regulador adapta-se à situação criada, o que justifica que, após a fase inicial, possam voltar a dormir bem.

Do que fica dito se infere que o tratamento da maioria das perturbações do sono nas pessoas idosas exige a correcção de causas mais ou menos distantes e não a mera terapêutica sintomática. As próprias causas de natureza psicológica (irritação motivada por factores de ordem ambiental, angústia pelo menor rendimento de trabalho, pela actividade e pela vontade de querer conservar uma série de coisas que sentem fugir, desespero porque se cansam de dia e não conseguem dormir à noite) exigem, quando não há psicoterapia especializada, a compreensão dos amigos e familiares.

Quanto aos soníferos, a opinião é unânime em reconhecer que é preferível dormir à custa deles do que passar a noite em claro.

M. E. J. CASTRO